

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2025

VOL VIII

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2025

VOL VIII



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juárez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. VIII / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilingue

ISBN 978-65-81701-46-8

DOI 10.37572/EdArt_290325468

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

El Volumen VIII de la obra “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigação”, reúne una colección de estudios y reflexiones de autores diversos, cuyos trabajos abordan temas centrales para el avance de las ciencias sociales, con un enfoque particular en las dinámicas educativas, sociales y políticas que modelan y transforman las sociedades contemporáneas. Los trabajos se aglutinan en tres secciones.

La Educación, como herramienta de transformación social, es el punto de partida para las reflexiones que recorren las páginas de este libro. Inicia con la historia y evolución de los modelos educativos, luego con la evolución de los modelos universitarios, que sufren adecuaciones debido a la industrialización y por su cambio en su relación con el Estado. Enseguida se analizan los sistemas de evaluación y acreditación de Latinoamérica, para después criticar específicamente a la evaluación pasiva, indiferente e inapropiada con respecto a la norma, criticar los contenidos de las asignaturas de Ciencias Sociales, y criticar la actual formación del profesorado. Pero después de la crítica, se valoran los avances con un Objetivo de Desarrollo Sostenible, y los logros que se tuvieron, a pesar de la pandemia, en casos especiales como el de “Educación para la Vida”.

La innovación metodológica, ya sea a través de la aplicación de nuevas tecnologías como la realidad aumentada y el uso de drones, o por medio de la adaptación de enfoques pedagógicos que consideren la diversidad y la inclusión, son tratados en los siguientes artículos de la primera sección. Cuestiones como las brechas de género en la educación financiera y los desafíos para la implementación de enfoques transdisciplinarios también son exploradas, señalando el camino hacia una educación más inclusiva, equitativa y justa.

En la segunda sección, el libro expande sus fronteras hacia las Ciencias Sociales, la Literatura y la Antropología, con una mirada atenta a las relaciones entre cultura, memoria e historia. Al abordar la formación de conceptos científicos y la evolución de los métodos de investigación social, este volumen ilumina el proceso dinámico y, a menudo, controversial de la construcción del conocimiento, que nos lleva a reflexionar con mayor profundidad.

En el campo del Derecho y las Políticas Públicas, los textos presentes en este volumen ofrecen un análisis crítico de temas fundamentales para el desarrollo de las naciones. Como primer punto se desarrolla la regulación de la tecnología en el ordenamiento jurídico, de vital importancia. Aunque es evidente la contaminación del aire,

del agua, del suelo, y no mucho se está haciendo para combatirla, ¿qué se espera de la contaminación invisible al ojo humano, como lo es la contaminación digital? En segundo lugar se tratan las garantías constitucionales en un contexto político específico, el caso de Cuba, en un mundo donde las naciones se ven ya no como un aliado, sino como una presa rica en recursos y de importancia geográfica en caso de conflictos armados. Finalmente, se habla de los derechos de las mujeres en el escenario jurídico contemporáneo, si en la sección anterior se trató la crítica feminista en la literatura, ahora se ve en el contexto de la autonomía jurídica de la mujer sobre su cuerpo en el caso de embarazo.

El lector será conducido por un universo de ideas innovadoras que buscan no solo entender, sino también proponer soluciones y nuevas perspectivas para los desafíos que enfrentamos en las áreas de educación, derechos humanos y políticas públicas. El compromiso con la innovación, la inclusión y la transformación social está presente en todos los artículos, reflejando el deseo de construir un futuro que busque igualdad, sostenibilidad y justicia.

Este libro no solo presenta un panorama actual de cuestiones académicas y prácticas, sino que también inspira futuras reflexiones sobre el papel de la educación y las ciencias sociales en la configuración del mundo moderno.

Dr. Luis Fernando González Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México. (UNAM)

SUMARIO

EDUCACIÓN, INNOVACIÓN E INCLUSIÓN

CAPÍTULO 1..... 1

MODELOS EDUCATIVOS EN MÉXICO: PRINCIPIOS, ENFOQUES PEDAGÓGICOS Y EVOLUCIÓN, A PARTIR DE 1921

Fernando Hernández López

Dulce María de los Ángeles Hernández Condado

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254681

CAPÍTULO 2..... 12

EVOLUCIÓN DE LOS MODELOS UNIVERSITARIOS: DE LA AUTONOMÍA ACADÉMICA A LA VINCULACIÓN CON EL ESTADO Y EL MERCADO

Cipatli Anaya Campos

Nali Borrego Ramírez

Marcia Leticia Ruiz Cansino

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254682

CAPÍTULO 3.....22

LA APLICACIÓN DE LA NORMA EN EL PROCESO DE EVALUACIÓN PARA MEDIR EL APRENDIZAJE DE LOS ALUMNOS

Ana Karen González-Álvarez

Christian Starlight Franco-Trejo

Luz Patricia Falcón-Reyes

Nubia Maricela Chávez-Lamas

Jesús Rivas-Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254683

CAPÍTULO 4..... 33

REVISANDO CONCEPTOS PARA ACTUALIZAR CRITERIOS AL MOMENTO DE ENSEÑAR CIENCIAS SOCIALES EN UN MUNDO DE SIGNIFICADOS ESTALLADOS

Vanessa Mazú

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254684

CAPÍTULO 5..... 45

UN ACERCAMIENTO A LAS AULAS DE CLASE EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Melvin Octavio Fiallos Gonzales

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254685

CAPÍTULO 6..... 53

AVANCES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE: PERSPECTIVAS HACIA LA AGENDA 2030 Y EL ODS 4

Rubí Estela Morales Salas

Cynthia Sánchez de Alba

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254686

CAPÍTULO 7..... 65

EDUCACION PARA LA VIDA, INCLUSIVA Y DECOLONIZANTE EN LA ESCUELA “EL PORVENIR” XOCHISTLAHUACA, GRO. MÉXICO: BARRERAS PARA EL APRENDIZAJE

José Manuel Juárez Núñez

Sonia Comboni Salinas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254687

CAPÍTULO 8..... 85

PROPUESTA METODOLÓGICA PARA EDUCACIÓN A TRAVÉS DE REALIDAD AUMENTADA: EL PATRIMONIO DE LOS MOLINOS DE VIENTO EN MURCIA (ESPAÑA)

Francisco José Martínez-López

Juan Francisco Martínez-Soler

Pablo Francisco Martínez-Ramos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254688

CAPÍTULO 9..... 99

ADAPTACIONES VISUALES: CLAVE PARA LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON DISLEXIA EN EL AULA

Carina Acosta Mendoza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254689

CAPÍTULO 10..... 108

BRECHAS DE GÉNERO EN EDUCACIÓN FINANCIERA

Verónica Prieto Cordero

Ana Cartes Franke

Octavio Ferrada Zúñiga

María José Flores Huaqui

Renata Millares Constancio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546810

CAPÍTULO 11..... 121

IDENTIFICACIÓN DE DESAFÍOS Y OPORTUNIDADES EN LA IMPLEMENTACIÓN DE ENFOQUES TRANSDISCIPLINARIOS EN LA EDUCACIÓN

Gabriel Mendoza Morales

Patricia Rodríguez Llanes

Paula Guadalupe Apodaca Zavala

Blanca Aurelia Valenzuela

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546811

CIENCIAS SOCIALES, LITERATURA Y ANTROPOLOGÍA

CAPÍTULO 12..... 133

DESENVOLVIMENTO E A FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Adenilson Mariotti Mattos

Sinval Martins de Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546812

CAPÍTULO 13..... 150

DE LOS ENFOQUES METODOLÓGICOS A LA CONSTRUCCIÓN DE DATOS EN LA INVESTIGACIÓN SOCIAL

Gerardo Angel Villalvazo Gutierrez

Alba Esperanza Garcia Lopez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546813

CAPÍTULO 14..... 166

EL PODER SERÁFICO DE LA MUJER EN *LAS MANOS BLANCAS NO OFENDEN* DE CALDERÓN

Frederick de Armas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546814

CAPÍTULO 15..... 174

OS LABIRINTOS DA MEMORIA: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA AFTOSA DE 1946 NO MÉXICO E NO BRASIL

Rosa María Spinoso Arcocha

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546815

DERECHO Y POLÍTICAS PÚBLICAS

CAPÍTULO 16..... 193

LA CONTAMINACIÓN DIGITAL EN EL ORDENAMIENTO JURÍDICO ECUATORIANO

Jean Carlos Cortez Lainez

Andrea Gabriela Sánchez Rivera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546816

CAPÍTULO 17..... 206

GARANTÍAS CONSTITUCIONALES DEL 2019 PARA LA INVERSIÓN EXTRANJERA EN CUBA

Daniel González Cubela

Anileidy Domínguez Hernández

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546817

CAPÍTULO 18..... 219

DERECHOS DE LA MUJER GESTANTE A ELEGIR SOBRE SU CUERPO

Claudia Patricia Yepes

Sergio Oswaldo Perez Rios

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546818

SOBRE O ORGANIZADOR..... 225

ÍNDICE REMISSIVO..... 226

CAPÍTULO 15

OS LABIRINTOS DA MEMORIA: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA AFTOSA DE 1946 NO MÉXICO E NO BRASIL

Data de submissão: 31/01/2025

Data de aceite: 20/02/2025

Rosa María Spinoso Arcocha

Universidad de Guadalajara
Guadalajara, Jalisco, México

<https://orcid.org/0000-0002-9731-4481>

RESUMO: O artigo propõe uma abordagem, em primeira pessoa, desde a História Oral, a Memória e a História Cultural, da epizootia de febre aftosa ocorrida no México em 1946, transformada em motivo de milagres, corridos e lendas nesse país, e num marco histórico pelos criadores de zebu da região do Triângulo Mineiro, no Brasil. É uma experiência historiográfica compartilhada sobre o uso do imaginário e da memória coletiva vinculada com as memórias familiares usadas como fontes históricas e como uma forma de experimentar a importância de problematizar meticulosamente os testemunhos orais daqueles que ouviram ou vivenciaram pessoalmente os acontecimentos historiados.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História. México. Brasil. Aftosa.

LOS LABERINTOS DE LA MEMORIA: UNA HISTORIA CULTURAL DE LA FIEBRE AFTOSA DE 1946 EN MÉXICO Y BRASIL

RESUMEN: El artículo propone un acercamiento en primera persona, desde la Memoria y la Historia Oral y Cultural, a la epizootia de aftosa ocurrida en México en 1946, transformada en un marco histórico por los ganaderos brasileños de cebú de la región del Triángulo Mineiro, y en motivo de milagros, corridos y leyendas en nuestro país. Se trata de una experiencia metodológica compartida para manejar como fuentes históricas el imaginario y la memoria colectiva, vinculada con las memorias familiares, y para visualizar la importancia de problematizar meticulosamente los testimonios orales de quienes escucharon o vivieron personalmente los eventos historiados.

PALABRAS CLAVE: Memoria. Historia. México. Brasil. Aftosa.

À dona Rosa Morales Pinheiro

1 INTRODUÇÃO

Em 30 de maio de 1946, o navio brasileiro Santa Cecília atracou no porto de Veracruz carregado com 327 exemplares de gado zebu, em sua versão “indubrasil”, nome da nova raça desenvolvida no Brasil e

recém reconhecida oficialmente. Foi o resultado do cruzamento de bovinos crioulos com matrizes e touros das raças “zebuínas”: gir, guzerat e nelore, que pecuaristas fluminenses e do Triângulo Mineiro começaram a importar da Índia durante o século XIX, continuando até as primeiras décadas do XX.

Quase de imediato o navio, a carga e seus responsáveis foram colocados em quarentena pelas autoridades sanitárias do governo mexicano, que justificaram a medida alegando que o gado brasileiro estava contaminado com a febre aftosa, recentemente descoberta no país. Durante seis meses o gado ficou confinado na Ilha dos Sacríficos, naquele que constitui um dos capítulos que mais há marcado a memória e o imaginário dos pecuaristas mexicanos e brasileiros.

No México referimo-nos muito particularmente a eliminação de milhões de cabeças de gado, ao imaginário popular e aos milagres, “corridos” e histórias que circularam em torno da “espingarda sanitária”, nome popular da arma utilizada para abater o gado durante a epizootia. No Brasil, aos moradores de Uberaba, cidade da região do Triângulo Mineiro, que desenvolveram seu discurso identitário em torno da ideia de ser o berço do indubrasil e a capital mundial do zebu. A experiência compartilhada da memória alude à de duas famílias locais, que desenvolveram uma memória familiar vinculada à memória coletiva sobre a aftosa de 1946 no México, na sua narrativa sobre o casamento de dois dos seus membros com duas senhoritas mexicanas, com quem formaram suas respectivas famílias no Brasil.

Ambas as famílias contam que Gumersindo Pinheiro e Limirio Díaz de Almeida conheceram e casaram com as respectivas esposas, Rosa e Constantina Morales, durante aquela quarentena, mesma história que continuam a repetir os seus descendentes, nominalmente Mérida Pinheiro de Carvalho¹, a principal fonte oral deste texto, e de quem falarei em primeira pessoa porque são também as minhas próprias memórias e as circunstâncias em que ela compartilhou as suas comigo.

Conheci Mérida em meados da década de 90, num encontro de instituições culturais dos municípios das regiões do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais. Ela representava Ituiutaba e foi a anfitriã do evento, mas seu nome de imediato chamou a minha atenção, então me apresentei e perguntei por que o nome dela era o mesmo que o da capital de um estado mexicano. Ela me respondeu que porque seu pai era “apaixonado” pelo México e sua mãe era mexicana.

Fiquei surpresa, ainda mais quando ela me contou que não só a mãe, mas também uma irmã dela morava em Uberaba, ou seja, mais ou menos uns cem quilômetros de Araxá, cidade onde morei por mais de trinta anos. A surpresa foi porque a cada dois

¹ Minha profunda gratidão a Mérida Pinheiro Carvalho e sua família pelas memórias que me compartilharam e possibilitaram esta História.

anos, quando tive de renovar meu registro de estrangeiro na Polícia Federal de Uberaba, perguntava se tinha outros mexicanos morando na região e a resposta invariavelmente foi negativa. Perguntei a Mérida se poderia visitar a sua mãe e a sua tia e deu-me o telefone, mas só o da mãe, pois primeiro teria que perguntar a sua tia. Seu nome era Constantina e não a conheci.

Duas semanas depois fui visitar a senhora Rosa Morales; ela era pequena, com cabelos grisalhos amarrados na nuca; falava suavemente um português com forte sotaque mexicano, e era muito sorridente, mas quando perguntei a idade ela respondeu em espanhol: “ochenta y seis años”. Não soube me dizer de que parte do México ela era, de que estado ou cidade, apenas que ela e a irmã moravam em uma fazenda quando conheceram os maridos. Nada mais; elas tinham perdido o contato com a família porque naquela época as comunicações eram muito precárias, além disso, ela estava muito ocupada criando os seis filhos e não teve tempo de lembrar, embora não tenha sido necessário porque ninguém lhe perguntou. Depois de um tempo me despedi, mas concordei em voltar. E foi o que fiz.

Voltei e assim que toquei a campainha ela imediatamente abriu a porta; estava esperando por mim. Queria me contar que tinha lembrado, entre outras coisas, que perto da fazenda onde moravam passava o trem, que havia uma estação chamada Salmoral, e de ter ouvido falar de um lugar chamado “Veracruz, porto marítimo”. Meu coração disparou, porque era assim que os mais velhos se referiam a Veracruz, e porque dona Rosa e sua irmã dona Constantina eram nada mais nada menos que minhas conterrâneas! Dona Rosa!, eu exclamei, sou de Xalapa!, mas nada significou para ela.

E aos poucos ela foi lembrando e me contou a história que Mérida já me contara, a mesma que sua filha Dunalva e uma de suas sobrinhas, filha de sua irmã Constantina, me repetiram algum tempo depois. Prometi a mim mesma que um dia a escreveria porque achei-a muito interessante, mas por enquanto comecei a pesquisar sobre a febre aftosa de 1946 no México.

O que nunca imaginei foram os desdobramentos do tema e o tempo que me tomaria narrar esse acontecimento, considerado pelas pecuaristas da região um marco divisor de águas na história do gado Indubrasil, e pelos mexicanos o “primeiro grande desafio sanitário” na procura pela autossuficiência produtiva e alimentar do país.

2 O GADO INDUBRASIL

A vocação pecuária das regiões brasileiras onde esta história começou foi desenvolvida desde os tempos coloniais, quando os portugueses introduziram o gado

com o qual mais tarde puderam abastecer as minas da então capitania, depois província e hoje estado de Minas Gerais, onde encontraram ouro e diamantes, patrimônio que se refletiu no nome de algumas cidades como Diamantina e Ouro Preto. Esta foi a primeira capital das Minas Gerais e ambas foram declaradas patrimônio cultural da humanidade, onde ainda hoje se pratica a mineração de pedras semipreciosas conhecidas na indústria e no comércio joalheiro como pedras brasileiras.

O Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre, não era “apto” para a mineração, mas sim para a pecuária, além de ser a passagem obrigada das caravanas que saíam de São Paulo em direção às minas para abastecê-las com os insumos necessários. A região possuía excelentes pastagens e aos poucos foi sendo povoada e os seus habitantes desenvolvendo essa atividade que, no final do século XVIII e início do século XIX, já era a principal riqueza da região, como recorda um naturalista suíço que passou por lá em 1819. (Spinoso 2015, p. 28)

Eram bovinos “mestiços”, como os chamam as pecuaristas da região, que no final daquele século perceberam a necessidade de melhorá-los cruzando-os com outras raças. O momento era propício, já que o país se encontrava num processo de modernização rural, além do qual os rebanhos já apresentavam sinais de degeneração devido ao longo período de endogamia. Eram, portanto, os interesses nacionais ligados à industrialização da pecuária, à instalação de frigoríficos e ao melhoramento genético dos rebanhos. Ao final, o que se pretendia era a inserção dos produtos brasileiros no mercado internacional e a superação do estigma dos chamados “produtos coloniais”. (Medrado, 2013)

As primeiras importações de zebu foram tímidas, provenientes do Egito, e foram realizadas em 1824 por Teófilo de Godois. Mas a partir de 1892 já foram em maior escala, desde a Índia, onde os novos pioneiros tiveram de começar do zero: conhecendo e identificando as regiões produtoras das raças e exemplares que melhor lhes convinham, estabelecendo contatos com as empresas marítimas, as rotas más cortas e as melhores condições para transportar e conseguir a sobrevivência dos exemplares elegidos, num princípio sem nenhum critério definidos.

A seleção era aleatória y no necessariamente coincidia com a produtividade do gado ou com os critérios de qualidade do país de origem, mas sim com as características que eles mesmos estabeleceram e que, ainda hoje, se seguem observado como sinónimos da qualidade e pureza da raça: o tamanho das orelhas e da giba, entre os mais visíveis.

Joana Medrado (2013) descreve as peripécias desses pioneiros, com destaque para João Martins Borges, um dos heróis nesse capítulo da história da pecuária

brasileira, para o que muito ajudou que tivesse morrido na última das três viagens que fez a Índia. Ou pelo menos é assim como o consideram na ABCZ, a Associação Brasileira de Criadores de Zebu.

Entre 1904 e 1921 os brasileiros fizeram 45 viagens à Índia nas quais transportaram 5.500 cabeças de gado, até a suspensão das importações em 1928, em meio ao debate as entre autoridades e pecuaristas de outras regiões do Brasil. Ambos os grupos estavam divididos entre aqueles que defendiam a importação do zebu pelas suas vantagens, como produtividade, resistência ao clima e às condições ambientais brasileiras, e aqueles que preferiam a importação das raças europeias mais conhecidas. (Medrado, 2015).

As principais raças zebuínas adotadas no projeto das pecuaristas “triangulinos” e “fluminenses” foram a gir, o nelore e o guzerá, com os quais desenvolveram uma nova raça oficialmente reconhecida em 1938: o indubrasil, nome que chegou-se não sem grandes debates. Inicialmente foi proposto o nome “induberaba”, mas também foram chamados com os nomes referentes a outras cidades e regiões onde também era produzido: induaraxá, indubahia ou induporá. Por fim, impôs-se o indubrasil, mais alinhado ao nacionalismo revitalizado desde a década anterior, a partir das comemorações, em 1922, do centenário da independência.

3 A FEBRE AFTOSA NO MÉXICO

Embora as primeiras exportações do zebu brasileiro para o México tenham começado em 1923, somente em 1946 esse país entraria nesta história, como a causa do primeiro grande revés que interrompeu a trajetória de sucesso da pecuária brasileira. Esse revés esteve baseado na já mencionada epizootia de aftosa e na declaração oficial do governo mexicano de que os bovinos brasileiros tinham sido a origem da doença no país.

A febre aftosa, também chamada de Glossopeda, é uma doença infecciosa que afeta espécies de casco fendido, domésticas e selvagens, incluindo, bovinos, caprinos, suínos, camelídeos e veados. Caracteriza-se por causar febre e bolhas na boca, nariz, pernas e mamilos dessas espécies, afetando animais de todas as idades. É uma das doenças virais mais temidas pelo seu grande poder de contaminação, pelo grande número de espécies que afeta e, como consequência, pelos prejuízos que causa na produção. (Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS))

Há notícias de que na Europa a febre aftosa já era recorrente pelo menos desde o século XVI, mas foi muito mais tarde que as perdas começaram a ser registadas e contabilizadas, exemplo disso foi em Inglaterra, em 1871, quando se perderam mais de 15

mil animais, e já no século XX na Alemanha, entre 1937 e 1938, período em que as perdas totalizaram quase 4 milhões, valor que superou o valor da produção anual de carvão.

Nos Estados Unidos, a doença foi registrada pela primeira vez em 1870, muito antes das importações de zebuínos brasileiros, e ocorreu pelo menos nove vezes desde então. (Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) Portanto, vale esclarecer que o Brasil não foi o primeiro nem o único país de origem do zebu que importaram os americanos; desde 1848 já o importavam diretamente da Índia e em menor escala de África do Sul, e foi apenas na década de 1920 que começaram a fazê-lo do Brasil, via México.

Na década de 1920, foram detetados surtos de febre aftosa no México e medidas preventivas começaram a ser adotadas, geralmente em resposta aos surtos recorrentes nos Estados Unidos. Por exemplo, em 1924, e paralelamente às primeiras importações brasileiras, o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento decretou uma quarentena e o fechamento das fronteiras com os Estados Unidos, devido aos surtos ocorridos naquele mesmo ano na Califórnia e no Texas, estado com o qual o contato ferroviário era direto. Outras medidas se seguiram, como o decreto presidencial que declarou de utilidade pública o combate à febre aftosa e a proibição da entrada no país de rebanhos provenientes de regiões infestadas, entre as quais as mais próximas eram, justamente, os estados vizinhos do Sul dos Estados Unidos.

Os jornais do México informavam regularmente sobre o desenvolvimento da doença naquele país, como a descoberta do agente que a causou na Califórnia (El Democrata, maio de 1924, p. 1), ou o fechamento do tráfego do México para aquele país, e a desinfecção de “tudo” proveniente daquele estado norte-americano (Idem. Setembro, 1924, p. 1). Mas no Texas e no Arizona a febre aftosa espalhou-se “a um ritmo alarmante” pelo que tiveram que sacrificar o seu gado (Idem. Outubro de 1924, p. 4). Contudo, o tráfico ilegal de ida e volta não parou, e nesse mesmo ano “quase conseguiram trazer milhares de vacas suspeitas para o México” (Idem. outubro de 1924, p. 16). A situação era tão urgente que nesse mesmo mês o Dr. Gómez Esparza, diretor da campanha contra a febre aftosa no norte da República Mexicana, foi obrigado a solicitar a presença de 5.000 soldados na fronteira norte para evitar o contrabando de gado dos Estados Unidos (Idem. 1924, p. 1).

No entanto, por volta de novembro do mesmo ano, os norte-americanos começaram a levantar suspeitas de que o surto da Califórnia tinha sido importado da América do Sul através do México, em uma remessa de gado que “atravessou o nosso país”, uma hipótese que foi desmantelada pelo Dr. Gomez Esparza durante uma homenagem que lhe foi prestada pela Câmara de Comércio de Houston. Na ocasião,

o Dr. Marion Imes, responsável nomeado desde Washington pela campanha naquele país e também homenageado, emitiu uma “nota oficial” aos jornais na qual, além de confirmar o prestígio científico de seu colega mexicano, “...uma autoridade em política internacional de saúde”, explicou as hipóteses que ele havia desenvolvido com base em “demonstrações científicas” sobre as causas da doença, que o próprio médico mexicano havia descoberto e “da qual os especialistas ianques nem sequer suspeitavam: incontável toneladas de ossos de boi, importados diretamente da América do Sul por uma fábrica local de fosfato”. Admitia que nesses países existia uma epizootia “mais ou menos combatida ou mais ou menos desenvolvida”, mas no caso apresentado não tinha sido pelo gado e muito menos desde o México. (O Democrata, 1924, p. 13).

Finalmente, em 1945, ocorreu um grave surto na Califórnia, que se espalhou rapidamente pelo Texas e Arizona, e que exigiu o abate de gado para contê-lo, contudo, na epizootia do ano seguinte no México, o “slogan” oficial foi que a doença provinha do Brasil. Em outras palavras, em 1946, todos os antecedentes acima mencionados foram descartados, e mas, alegaram que aqueles surtos registrados em Tabasco na década de 1920 e que obrigaram ao governo mexicano a adotar as medidas mencionadas, nunca foram confirmados como febre aftosa; foi uma “estomatite locósica” e, que ainda que tivessem sido aftosa, não passou de alguma de suas variáveis inócuas (El Democrata, 1925, p. 7).

De nada serviram os argumentos e evidências de que a remessa brasileira, supostamente portadora da doença, tinha passado por todos os controles e regulamentações sanitárias impostas pelo Ministério da Agricultura e Ganadería do México, antes de ser autorizada; e que gado não apresentava nenhum sintoma da mesma, o que foi confirmado pelos técnicos responsáveis pela fiscalização. Realmente, em outubro daquele ano, uma equipe de veterinários mexicanos e norte-americanos esteve na Ilha de Sacrificios para revisar o gado e o resultado, segundo proclamaram os jornais foi, que após “exames escrupulosos”, concluíram que não estava atacado pela doença, (El Porvenir, 1946, p. 6). Ou seja, segundo outro jornal, “os zebus venceram a batalha”. (El Nacional, 1946, pp. 1-8).

Mas também não ajudou o fato de que os próprios pecuaristas mexicanos dos estados fronteiriços do norte se terem pronunciado a favor da hipótese da origem brasileira da doença, temerosos de uma possível retaliação por parte dos americanos. Um receio justificado pelos números envolvidos, já que os mexicanos vendiam aos americanos cerca de 500 mil cabeças de gado por ano, enquanto, calculava-se, importariam anualmente cerca de 10 mil cabeças de gado do Brasil, durante cinco anos. (Anais do Senado Federal, 1946, p. 42). Finalmente, o medo materializou-se quando os Estados Unidos fecharam as suas fronteiras aos produtos mexicanos.

No Brasil, e para acalmar a agitação dos setores rurais, principalmente os do Triângulo Mineiro, o chanceler João Neves da Fontoura fez publicar a reportagem registrada em ata do Senado da República, segundo a qual, as exportações de gado foram negociadas corretamente entre particulares, mas com autorização prévia do Ministério da Agricultura brasileiro. Que este, por sua vez, só a concedeu após os exportadores brasileiros terem apresentado toda a documentação sanitária correspondente no Consulado Geral do México no Rio de Janeiro, e este ter informado oficialmente que a Secretaria de Agricultura e Pecuária havia concordado com a importação. E sobre as medidas adotadas pelo governo brasileiro, informou que assim que se soube no Brasil da retenção do gado em Veracruz, o Itamarati tinha começado a negociar que, pelo menos, se permitira desembarcar o gado na ilha dos Sacrificios, como de fato ocorreu. (Anais do Senado Federal, (1946), p. 43)

No México, começaram de imediato a procurar os culpados deste “engodo”, que já ameaçava as relações diplomáticas entre os dois países. Concluiu-se que o responsável de tudo tinha sido Ruben D. Navarro, ex-cônsul mexicano no Brasil, que tinha conduzido as negociações em nome de um terceiro, não identificado nominalmente. Este teria sido o “facilitador” dos 100 mil dólares, valor total da carga do gado brasileiro, cujo preço de revenda no México chegou a 30 mil pesos por cabeça.

Ou seja, apesar do sacrifício de milhões de cabeças de gado, houve quem se beneficiasse muito com essa história. Por exemplo, tudo indica que a indústria de laticínios saiu-se muito bem, como sugerem as propagandas do leite em pó Klim, que começou a aparecer nos jornais mostrando sua vantagem como substituto do “leite de vaca natural”, então sob suspeita (El Dictamen, 1946, 5).

Entre os motivos da quarentena apresentados pelas autoridades mexicanas esteve o de terem obedecido ao acordo assinado com os Estados Unidos, segundo o qual o México se comprometia a não importar gado de regiões onde houvesse febre aftosa. O interessante é que, em 1924, quando o governo mexicano emitiu um decreto semelhante, fê-lo para proteger o México dos surtos de febre aftosa vindos, precisamente, dos Estados Unidos.

Por sua vez, o governo brasileiro respondeu, através do seu chanceler, que o fato do Consulado Mexicano, previamente autorizado pelo seu governo, ter aceitado o desembarque do gado brasileiro, também implicava um compromisso com o seu país e com os exportadores brasileiros. (Anais do Senado Federal, 1946, p. 42). Mas as coisas não mudaram.

Por fim, e em meio a toda essa polêmica, em 2 de abril de 1947, a Comissão Mexicano-Americana para a Erradicação da Febre Aftosa acabou determinando a

adoção do fuzil sanitário, medida que muitos especialistas consideraram drástica e desnecessária, mas que as autoridades justificaram por ser a que vinha sendo utilizada nos Estados Unidos desde a década de 1920 e aplicado no ano anterior, 1945, quando milhões de bovinos foram abatidos naquele país. Era, disseram, a única solução para combater a doença, embora nessa época já existisse uma vacina desenvolvida na Itália.

No México, a resistência a esta medida foi muito forte, dada a incerteza da gravidade do surto e até mesmo de se tratar realmente de febre aftosa. Mesmo assim, em poucos meses foram abatidas mais de um milhão de cabeças de gado, um número aproximado que alguns consideraram baixo e que causou quase uma insurreição popular, principalmente no ocidente do país, nas áreas de influência sinarquista. Este, um movimento social, político de base regional e ideologia católica (Serrano Álvarez, 1991) (Meyer, 1983) Em novembro de 1947, essa medida foi suspensa e a vacinação passou a ser adotada. (Flores Ponce, s/d).

4 A MEMÓRIA E SEUS LABIRINTOS

Mas voltando à nossa experiência historiográfica, até então tudo estava indo bem, pelo que resolvi entrar em contato novamente com Mérida, (dezembro de 2023) para que ela me atualizasse e autorizasse o uso da informação que me havia passado. Fazia muitos anos que não nos comunicávamos, a última vez foi quando ela me enviou uma matéria de jornal sobre a homenagem que a prefeitura da cidade de Uberaba tinha prestado a sua mãe, colocando seu nome a uma rua: Rua Rosa Morales Pinheiro.

Conversamos longamente por telefone e, entre outras coisas, ela me disse do seu pesar por não ter conversado mais com a sua mãe; por não tê-la conhecido melhor, mas que, para compensar, havia decidido comemorar seu 80º aniversário em Veracruz. E assim o fez. Na ocasião reuniram-se mais de 200 pessoas da família, que celebraram com música, “pinhatas” e bolos por terem conhecido a filha de Rosa. Eu também lamentei não tê-lo sabido para ir à sua festa, mas quando ela me respondeu que isso tinha acontecido há 6 anos, meus alarmes dispararam.

Vejamos, se ela hoje tem essa idade, quando foi que nasceu? Certamente não foi depois de 1946, quando seus pais supostamente se conheceram. Portanto, corri para fazer as contas e o resultado destruiu a estrutura e as hipóteses do meu trabalho. Ela só poderia ter nascido em torno a 1938! Mas então, e a história da febre aftosa, da quarentena, do casamento da mãe e do pai e tudo mais, foi fantasia? Não queria pensar assim e não o fiz, devia ter uma explicação, e a tinha, porque a cronologia da memória familiar não coincidia com a da história. O dilema então era se abandonar

a pesquisa ou reformulá-la porque, para compreender o ocorrido, teria que partir de outros pressupostos. Ou seja dos pressupostos teóricos da memória. Portanto, ampliei a cronologia original remontando às décadas anteriores à febre aftosa, mais precisamente aos primeiros embarques de gado brasileiro para o México que, descobri então, haviam começado em 1923, portanto, quinze anos antes de que a raça Indubrasil tivesse sido oficialmente reconhecida.

O primeiro carregamento chegou num navio chamado Cabedello, ao porto de Tampico, no nordeste do país. O destino original eram os Estados Unidos mas, justamente por motivos de saúde, foi desviado para o porto mexicano, o que não impediria que os norte-americanos compraram o gado e o passarem a seu país. através de Eagle Pass. Este é “porto fronteiriço” fundado em 1896, para comunicar essa cidade americana com a cidade mexicana de Piedras Negras. No início era apenas uma ponte para carruagens, mas, sintomaticamente, em 1927 foi construída outra com maior capacidade, embora o motivo oficial tenha sido a enchente que havia destruído a anterior.

A essa primeira viagem seguiram-se outras, como a que atracou em Veracruz em 11 de julho do mesmo ano, (1923) conforme noticiou o jornal El Dictamen:

O vapor brasileiro Curityba, vindo de Santos, com escalas no Rio de Janeiro, Barbados e Nova Orleans, atracou em frente ao porto de Veracruz depois do meio-dia, sob as ordens de J. H. Drake, e com 5 passageiros (provavelmente Limírio Dias de Almeida, Alceu Miranda, Quirino Pucci, Josias Ferreira e, talvez, Gumercindo). Pinheiro)”.
Gumercindo). Pinheiro)”.

E agora as coisas começavam a fazer sentido e tornavam-se viáveis alguns dados orais que eu havia coletado informalmente e que na época considerei meramente anedóticos. E observem que eu disse viáveis, não necessariamente exatos. Incluo-os como exemplo dos enigmas que devem ser resolvidos quando a memória obriga, mas também porque fazem parte do imaginário coletivo em torno da campanha de 1946 contra o gado brasileiro.

Numa conversa informal no Museu do Zebu, em Uberaba, com alguns fazendeiros mais antigos, eles comentaram que o Brahaman, raça de gado pela qual os americanos tanto temiam a concorrência do Indubrasil, foi desenvolvido nos Estados Unidos justamente a partir dos exemplares brasileiros que compravam no México e “contrabandeados através de Eagle Pass”. E mais, que em uma ocasião, o próprio presidente do México havia estado pessoalmente na Isla de Sacrificios para selecionar alguns exemplares para sua fazenda. Só agora entendi que estavam-se referindo àquele carregamento de 1923, sobreposto pela memória ao de 1946, quando o gado ficou confinado naquela ilha por causa da febre aftosa.

E aqui vale especificar que o Brahman se originou, sim, nos Estados Unidos, ao longo da costa do Golfo do México, mais precisamente nos estados do Texas, Flórida, Louisiana e Carolina do Sul, e em menor escala na Califórnia, Arizona e Novo México. Mas esse nome é aplicado indistintamente a mais de 30 raças de zebuínos cruzadas e selecionadas entre as que começaram a ser importadas da Índia em 1848, mas também da África do Sul e finalmente do Brasil, estas a partir da década de 1920.

Agora começava também a fazer sentido a história das irmãs Rosa e Constantina Morales, filhas de Braulio Morales e Valeriana Acosta, donos da fazenda La Loma, no município de Paso de Ovejas, Ver. onde Gumersindo e Limirio alugaram os pastizais e mantiveram pela primeira vez o seu gado, esperando os compradores que, no entanto, demoraram em aparecer. Mas isso não foi em 1946, senão em 1923, tanto que, no ano seguinte, em 28 de julho de 1924, os dois pares de namorados se casaram na capela em San Francisco de las Peñas, município de La Antigua, Ver.

Aquela primeira “expedição” ao México dos pecuaristas brasileiros demorou quase dois anos e não teve os resultados econômicos esperados, pelo que os cinco brasileiros que tinham ficado no México até o venderem, decidiram retornar ao seu país. Um deles se empregou como garçom em um transatlântico e os outros via Nova York, onde a embaixada brasileira os ajudou a retornar ao seu país (Revista El Cebú). Gumersindo e Limirio levando consigo as suas respectivas esposas mexicanas.

Nunca mais se ouviu falar delas! Com o passar do tempo, começou a circular na região uma “lenda” sobre as duas meninas que se casaram com dois brasileiros e desapareceram no Brasil, segundo depoimento de uma de minhas fontes, natural de Paso de Ovejas e vizinha de Xalapa. Porém, ainda faltava responder como a história da febre aftosa cruzou-se com a dos casamentos de seus pais e mães, segundo a repetiam na família.

A solução era entender os “labirintos da memória” e compreender o papel da epizotia e a quarentena de 1946 no México como o marco temporal em torno do qual muitos fazendeiros de Uberaba organizaram a sua memória. Mas também a das duas famílias que, a partir daquele evento, reconfiguraram a memória familiar sobre acontecimentos tão importantes como o casamento de dois dos seus membros com duas mexicanas, vinculando-lhes dessa forma a com memória coletiva, e fazendo-as coincidir com a que tinham sobre os acontecimentos no México.

A diferença da História, a memória não obedece necessariamente a datas exatas; a história organiza e ordena os fatos cronologicamente mas não acontece o mesmo com a memória, a menos que esta se torne coletiva e após a superar os mencionados

“labirintos”. Por outro lado, a memória é formada por lembranças, muitas vezes herdadas, emprestadas ou reconfiguradas, mas também por esquecimentos e omissões, que podem ou não ser voluntárias. No caso que aqui agora apresentado, o esquecimento teve um papel muito importante, principalmente como aquele que ocorre quando as pessoas se afastam dos seus lugares de origem e dos seus entes queridos, e cujas memórias são restauradas somente quando aparece algum agente que as estimula ou motiva. Esse foi caso de dona Rosa Morales. (Hallbwachs, 1949)

5 BOATOS, LENDAS E MILAGRES

Mas tudo isso aconteceu no Brasil; no México as consequências da epizootia foram sentidas em setores mais amplos e diversificados da população, fossem eles grandes ou pequenos pecuaristas, camponeses, ou pequenos proprietários de terras, que tinham uma ou duas cabeças de gado e outros animais domésticos de casco fendido para seu sustento. Entre eles, as medidas do governo mexicano para combater a febre aftosa foram percebidas como uma ameaça, não só à propriedade, mas às próprias vidas, o que gerou medo e desconfiança. E estes, são excelentes incentivos para o surgimento de boatos, lendas e até milagres, como os que passaram a circular entre a população.

Também não podemos esquecer o componente xenófobo do nacionalismo, na época muito intenso e que ainda hoje costuma manifestar-se em contra dos norte-americanos. Assim, entre os boatos que se espalharam estava o de que os “gringos”, como apelidam no México unicamente aos norte-americanos, haviam inventado a febre aftosa como pretexto para sacrificar o gado mexicano e comprar a carne barata para alimentar aos seus exércitos que lutavam na Coreia:

Linda cidade de Apaxtla / no estado de Guerrero /
ficaram com poucas vacas / mas com muito dinheiro.

O gado na verdade / tudo se desfez em bife /
seja pela doença/ou a perda da paisagem ...

(Valdés, 2007).

Tudo isso, somado ao desastre econômico, à tradicional desconfiança do povo, à falta de credibilidade do governo mexicano, ao “assassinato” dos rebanhos, como diziam nos jornais, e à presença de estrangeiros “ajudando” no combate à epizootia, fez com que não demorasse muito em estourar conflitos sociais, alguns de proporções consideráveis. Houve comunidades camponesas que se armaram com facões, paus,

pedras e instrumentos agrícolas, para enfrentar, não propriamente a doença, mas os encarregados de sacrificar os seus animais e até os proprietários que se opusessem.

O sentimento no campo mexicano era de raiva e desamparo, pois se considerava que, como na Guerra Cristera², o que o governo queria era introduzir novas tecnologias para acabar com o modo de vida da gente do campo e as comunidades agrárias (<https://vivetemascalcingo.blogspot.com>).

Mas a própria campanha do governo contra a febre também contribuiu para alimentar essa desconfiança e os boatos, uma vez que oferecia aos camponeses substituir seus bois infetados por mulas saudáveis e ... por tratores!! (Bazan, 2023). Um exemplo da insatisfação popular foi a de San Pedro el Grande, no estado de Michoacán, onde a revolta popular ceifou a vida do veterinário Robert Lee Redondo Proctor, um dos agentes de saúde norte-americanos enviados ao México para auxiliar na vacinação.

O presidente mandou dois soldados e um americano (médico veterinário) para vacinar o gado dessa região porque ele estava doente e não queria que ocorresse uma epidemia maior no país, [mas] essa era a história deles, o povo não acreditou (<https://vivetemascalcingo.blogspot.com>).

A narrativa popular repetida nos jornais mencionava uma mulher, Teodora Medina Hujosa, “mulher mestiça de cabelo no peito [...]”, como autora do assassinato de Proctor, a quem esfaqueou até a morte. Mas foi ele a quem não demoraram em encomendar a Deus com uma canção:

Corrido de São Pedro

Pra começar a cantar
peço licença primeiro,
se eu cometo alguns erros,
vocês vão me perdoar.
O que agora estou lhes dizendo
em São Pedro aconteceu,
de um cavalheiro americano
que de repente morreu.
O segundo de fevereiro
do ano quarenta e nove,
data tão “assinalada”
que a todos nos comove.

² Conflito armado entre católicos e o governo federal contra as medidas deste para limitar a presença da igreja no país, entre as quais a que estabelecia um número mínimo de sacerdotes em cada estado, e a introdução da educação socialista. A resistência maior ocorreu em regiões do centro e ocidente do país, de forte tradição religiosa que, sob o slogan “Viva Cristo Rey”, foram à luta contra o governo. Seus soldados foram chamados “cristeros”, e sua luta “a cristiada”. Atualmente, existem santos canonizados como mártires dessa guerra.

Numa manhã de segunda,
Albert ia trabalhar,
entre colinas e ravinas,
a morte estava a lhe esperar.
Quando chegou a São Pedro,
o povo já o esperava
para que daí a pouco
seu sangue se derramara.
O homem ajoelhou-se pedindo
pra que não lhe mataram,
mas aos índios enfurecidos
não lhes importava nada.
Depois que o mataram,
todos foram enterrá-lo,
sem saber que em pouco tempo
o mal iria encontrá-los.
Chegaram muitos soldados
para começar a procurá-lo,
aviões também chegaram
(...) pra depois até à fronteira,
poderem transportar-lho.
Aqui o corrido termina
do Sr. Albert Proctor,
que ele na glória descansa
em paz e com o perdão de Deus³.

O interessante é que na canção os autores ignoraram a Teodora e responsabilizaram os índios pela morte do veterinário, já que “eles não se importavam com nada”, embora na história dos acontecimentos eles sequer tivessem aparecido. Licença poética?

Quanto à lenda romântica das duas irmãs, que hoje sabemos serem Rosa e Constantina Morales, que se apaixonaram e se casaram com dois brasileiros antes de desaparecer, podemos compreender o impacto desse episódio na memória e no imaginário local, já que não devia ser comum encontrar brasileiros na região e, com certeza, saber onde ficava seu país.

³ Fortino y Juan Barrios Chaparro, “Corrido de San Pedro”, La Fiebre Aftosa: La Muerte de Robert Lee Redondo Proctor- agosto 19, 2015. <https://vivetemascalcingo.blogspot.com>

É preciso saber que, embora próximo ao litoral e ao principal porto mexicano, era um ambiente rural, de pequenos proprietários agricultores e pecuaristas, sem muito ou nenhum contato com a dinâmica e a cultura aberta ao mundo, como a de “Veracruz, porto marítimo”.

6 UM MILAGRE

Mas se no imaginário popular a febre aftosa inspirava corridos, histórias românticas e tragédias, também deixava espaço para os milagres, embora novamente intervissem os labirintos da memória. O fuzil sanitário foi “oficialmente” cancelado no final de 1947, data ignorada na memória e no imaginário coletivo, onde continuou a inspirar fatos milagrosos, como o acontecido em 26 de setembro de 1948 em Oxtotitlán, Gro.

Segundo a narrativa, os habitantes locais tinham-se precavido escondendo os seus animais, quando souberam que o governo os estava sacrificando mesmo estando saudáveis. Uniram forças com os povoados vizinhos para, se necessário, confrontar a espingarda sanitária com suas próprias armas. Na verdade, não faltam notícias sobre as revoltas e a reação violenta dos fazendeiros que, muitas vezes apelaram às armas para defender o seu gado. Mas neste caso, ainda que ou santo autor do milagre fosse São Tiago o “agente operador” foi um general, Adrián Castrejón, chefe da Zona Militar encarregado de executar a missão de abater o gado e os seus proprietários caso estes resistissem. O que ninguém esperava era que o apóstolo Santiago, padroeiro da vila, “comovesse o seu coração” e o general se recusasse a executar as ordens, pelas quais pagou com a sua degradação.

Nas entrevistas que se seguiram com os moradores, todos concordaram em que o santo tinha aparecido, primeiro, num povoado vizinho, Contlalco, onde se estavam cavando as sepulturas para enterrar o gado. Que o santo tinha pedido aos trabalhadores que suspendessem as obras, mas eles não o atenderam. Diante da recusa, o santo começou a circular em torno das escavadeiras que foram quebrando uma a uma, pulando logo após para dentro da sepultura onde mais tarde apareceu ileso e “marchando a passos dobrados”. Atônitos, os veterinários e os trabalhadores correram ao templo de Oxtotitlán para verificar se o santo se encontrava em seu lugar. E, sim, lá estava ele, ileso, mas o seu cavalo estava suado. Caíram todos de joelhos e se recusaram a continuar trabalhando, pois entenderam que foi ele quem havia movido o coração do general, que se negou a cumprir as ordens recebidas.

Pode-se acreditar ou não em milagres, mas invocar a intercessão dos santos é altamente significativo, embora não necessariamente uma novidade, para avaliar as

angústias de um povo, considerando a grande religiosidade daquela região. O milagre também nos fala do sentimento de impotência diante da ameaça que representam as autoridades, contra as quais a única defesa são os milagres.

7 CONCLUSÃO

Em 2023, a Associação Mexicana de Criadores de Cebu comemorou os 100 anos da chegada ao país do primeiro carregamento de gado dessa raça; em sua revista cita o indubrasil, como uma a partir das quais desenvolveu-se o Brahman no Texas. (Zebú, janeiro -Fevereiro de 2024, p. 13)

Portanto, e diante do anteriormente relatado, não podemos deixar de mencionar que os primeiros importadores de gado zebu na América foram os criadores dos Estados Unidos, onde ocorreram pelo menos nove focos de febre aftosa que foram registrados antes do início das importações do Brasil. Contudo, em 1946, o governo mexicano teve que ceder ante as pressões desse país decretando a origem brasileira da doença.

Para os historiadores mexicanos, este foi um capítulo da história do México que passou quase despercebido, a não ser para alguns zootecnistas e veterinários que escreveram sobre a epizootia dedicando alguns parágrafos à história. (Camarena, 1949; Camargo, 1950; Cervantes, 1998). Não aconteceu o mesmo com o povo mexicano e os criadores do “zebu brasileiro”, notadamente os de Uberaba e do Triângulo Mineiro, para quem a pecuária e a raça de seu gado são motivo de orgulho e símbolos de identidade. E as identidades são preservadas nos museus e cantadas em hinos:

Zebú Joia Brasileira

(Hino do Zebu)

Zebú nobre joia brasileira

Zebu orgulho do Brasil.

Sua história é toda preservada,

no Museu está o seu perfil.

Uberaba, Triângulo Mineiro,

Minas Gerais, entre o Leste e o Sul,

tem o primeiro e maior museu do mundo

do gado indiano de raça Zebú.

Bravo Brasil sublimes filhos teus,

Salve, Salve a ABCZ, o Zebú e seu Museu... (bis)

(Patrão de Minas)

Em 1994, o governo brasileiro autorizou a importação do primeiro lote de gado Brahaman que chegou, não mais de navio, mas de avião, ao aeroporto internacional de Viracopos, SP, de onde seguiu para a cidade de Londrina, ao norte do estado vizinho do Paraná, para um período de quarentena, após o qual participou, em abril, da exposição agrícola daquela cidade. Porém, sua “estreia” oficial em terras brasileiras aconteceu no início de maio, quando participou, junto com outro lote recém-chegado, na maior feira de Zebú do mundo, a Expozebu, em Uberaba MG.

Finalmente e antes de determinar, gostaria de dizer que não achei necessário esclarecer as imprecisões da memória familiar às minhas fontes orais. Eu sou a historiadora e, como tal, a responsável pelas precisões históricas. As famílias Pinheiro e Dias de Almeida são as repositórias respeitáveis da memória familiar, descendentes de duas mães mexicanas e dois pais brasileiros que, outrora, embarcaram-se em uma grande aventura.

A minha amiga Mérida contou-me que seu pai gostava tanto de viajar que batizou os filhos e filhas com nomes alusivos aos países que conheceu: Ivérica, Otoíde, Marcio, Dunalva, Mérida e Rollemberg. E também que quando ela nasceu, o pai deu à mãe duas opções de nome: Guadalajara ou Mérida, daí que ela seja muito grata por dona Rosa ter escolhido o segundo. (Pinheiro, 2023, entrevista telefônica)

FONTES

BIBLIOGRÁFICAS

Camarena E. (1949). Consecuencias económicas y sociales de la fiebre aftosa en México. Escuela Nacional de Agricultura.

Camargo F. (1950). *La elaboración de la vacuna contra la fiebre aftosa en México*, Acción ganadera II época T. I (8).

Castañeda, José, (2023), *La Odisea del Cebú en México*, O Cebú, Revista de la Asociación Mexicana de Criadores de Cebu, N° 70, nov.-dic.

Cervantes S. J. M.; Román C. A. M.; y Quiroz M. M. A. (1998) el brote de fiebre aftosa en el Sureste de México (1924-1926).

Cervantes, S. J. M., Román, C. A. M., Saldaña, G. J. J., y Galina, (s/f) *Crónica de un desastre. Inicio, desarrollo y desenlace de la epizootia de la fiebre aftosa en México entre 1946 y 1955*. Memoria del II Congreso Iberoamericano de Desastres en Medicina Veterinaria. La Habana, Cuba. pp. 118-119.

El milagro de Santiago en Oxtotitlán: problemas sociales por la fiebre aftosa en un pueblo de Guerrero. (2017) México, Selecciones Veterinarias Vol. 7.

Flores Ponce, Leonardo Daniel (s/f) *La Fiebre Aftosa y el Rifle Sanitario en Guanajuato 1946 a 1954*, México, El Colegio de Michoacan.

Halbwachs, Maurice (2004) *La Memoria Colectiva*, Zaragoza, Prensas Universitarias, p. 27, 65, 73.

Meyer, Jean, (1983) *Documento. La fiebre aftosa y la Unión Nacional Sinarquista (1947)*, México, COLMICH.

M. S. Shahan, D.V.M. (1953) *la fiebre aftosa: una amenaza para Los Estados Unidos*, Oficina de Industria Animal, Administración de Investigación Agrícola, Departamento de Agricultura de Estados Unidos, Washington, D. C. Pan American Health Organization (PAHO) pp. 576-586.

Nascimento, Joana Medrado (2013), *Do pastoreio à pecuária: a invenção da modernização rural nos sertões do Brasil Central*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

Sansón, Andrés, (1900). *Tratado de Zootecnia*, 2ª ed., Madrid, tomo 4º, pág. 278.

Serrano Álvarez, Pablo (1991) *El sinarquismo en el Bajío Mexicano, 1934-1951. Historia de un movimiento social regional*. *Revista de Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*, México, UNAM.

Spinoso Arcocha, Rosa María, (2015) *El beso del colibrí. Historia y (de)construcción del mito Dona Beija. Brasil, siglos XIX-XX*, México, Ed. CULagos.

Guzmán Uriostegui, Jesús, (2016), *Oxtotitlán y el milagro del Apóstol Señor Santiago*, México, edit. Lo Reyes.

ORAIS

Sra. Carmen Gassos de Jiménez, verano de 2005, Xalapa, Ver. México.

Sra. Mérida Pinheiro de Carvalho, 15 de dezembro de 2023, Ituiutaba, MG. Brasil. (entrevista telefónica)

VIRTUAIS

ABCZ <https://www.abcz.org.br/a-abcz/museu-do-zebu>FamilySearch. Braulio Morales, 1894. "México matrimonios, 1570-1950, recuperado el 6 de septiembre de 2024 de [https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N\(AZ-YRL](https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:N(AZ-YRL)

FamilySearch. Constantina Morales and Braulio Morales, 4 de mayo de 1908. "México, Veracruz, Registro Civil, 1821-1949, recuperado de <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QGQX-DKQM>

Barrios Chaparro, Fortino y Juan, (2015) "Corrido de San Pedro", *La Fiebre Aftosa: La Muerte de Robert Lee Redondo Proctor*. <https://vivetemascalcingo.blogspot.com>

Bazan Díaz Sarahí, AGEO: Campaña para combatir la fiebre aftosa en 1947: <https://www.nvinoticias.com/cultura/historia/ageo-campana-para-combatir-la-fiebre-aftosa-en-1947/144061>, Oaxaca, 05/03/2023

Pan American Health Organization (PAHO) <https://www.paho.org/temas/fiebre-aftosa>

La Fiebre Aftosa: La Muerte de Robert Lee Redondo Proctor- agosto 19, 2015. <https://vivetemascalcingo.blogspot.com>

Arquivo Público Mineiro

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/municipal/destaque.php>

Revistas- transcrições

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/capas.php>

Hemeroteca Digital do Triângulo Mineiro

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/memorial_imprensa/index.php

Gazeta do Triangulo Mineiro

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/memorial_imprensa/search.php?query=&ordenar=10&asc_desc=10&action=results&andor=AND&start=180

Revista do Arquivo Público Mineiro 1906-1937

https://prensahistorica.mcu.es/latinoamerica/en/publicaciones/numeros_por_mes.do?idPublicacion=1002913&anyo=1907

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán- Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutoral en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto legal 219

Adaptaciones visuales 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107

Aftosa 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Agenda 2030 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 116, 117, 129, 199, 205

Agisoft Metashape Standard 85, 86, 90, 92, 96

América Latina y el Caribe 53, 54, 56, 58, 62, 64, 120, 205

Ángel 6, 150, 166, 167, 171, 173

Aprender a aprender 6, 8, 65, 66, 67, 76, 80, 82

Aprendizaje 6, 9, 10, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 112, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 160, 205

Autonomía académica 12, 13, 14, 16, 19

B

Barreras para el aprendizaje 65, 66, 67, 68, 69, 74, 80, 82, 83

Brasil 34, 44, 133, 134, 149, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 189, 191

Brechas de género 108, 109, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119

C

Calderón 9, 166, 167, 168, 171, 172, 173

Ciencia social y cultura dominante 150

Ciencias Sociales 15, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 51, 65, 125, 151, 152, 154, 156, 163, 164, 208, 209, 214, 216, 218

Colombia 194, 201, 204, 219, 222, 223, 225

Conceitos científicos 133, 135, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148

Constitución 2, 3, 152, 157, 196, 199, 202, 203, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223

Construcción de datos 150, 151, 157

Contaminación 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Contenidos escolares 33, 37, 43, 44, 76, 79

Cuba 32, 149, 190, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218

D

Decolonização 66, 69, 70, 72, 73, 74
Derechos de la mujer 219, 221
Desafíos académicos 107, 121
Desenvolvimento escolar 133, 135, 140, 148
Didáctica 31, 32, 33, 38, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53
Diseño gráfico 99, 102
Dislexia 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107

E

Educación financiera 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119
Educación inclusiva 17, 55, 56, 63, 65, 66, 71, 81, 82, 106, 107
Educación para la vida 9, 65, 66, 67, 69, 80, 82
Educación Superior 5, 6, 9, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 32, 34, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 72, 76, 97, 118, 119, 126, 132, 153
Efecto de las actividades humanas 193
Enfoques metodológicos 150, 151, 153
Enfoques transdisciplinarios 4, 121, 125, 129, 131
Ensino-aprendizagem 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148
ESO 85, 86, 89, 97
Estereotipos 9, 41, 108, 112, 113, 115, 116
Evaluación 8, 9, 12, 13, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 101, 105, 107, 128, 129, 153, 159, 211, 218
Evaluación y acreditación universitaria 12, 18
Evolución 1, 2, 3, 12, 19, 54, 62, 63, 84, 116, 118, 162, 207, 211, 212
Evolución histórica 12, 162, 207, 211

F

Fotogrametría 85, 88, 89, 90, 91, 92

G

Garantías 197, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 221, 223

H

História 7, 10, 11, 33, 36, 40, 41, 42, 111, 152, 153, 162, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184, 186, 187, 189, 191, 198

I

Igualdad de género 55, 112, 113, 117, 118, 119, 219

Inclusión educativa 99, 100, 101, 107

Industrialización y educación 12

Internet 9, 59, 62, 66, 68, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 115, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 203, 204, 205

Inversión extranjera 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Investigación acción 45, 47, 52, 130

Isabel de Borbón 166, 168, 169, 172, 173

L

Latinoamérica 34, 69, 108, 115, 125, 165, 192, 215

Legislación ambiental 193

M

Materiales didácticos 99, 100, 102, 104, 106, 107

Memória 97, 174, 175, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 190

Metodología 45, 47, 48, 52, 53, 57, 85, 88, 89, 90, 91, 96, 114, 121, 125, 132, 155, 193, 195, 222

México 1, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 20, 22, 24, 54, 57, 60, 61, 64, 65, 69, 71, 74, 77, 80, 83, 99, 100, 101, 105, 107, 119, 121, 158, 159, 163, 165, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 194, 203, 205

Modelo educativo 1, 2, 8, 9, 10, 68, 70, 81

Modelos universitarios 12, 13, 16, 17

Mujeres 61, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 168, 172, 219, 221, 223

N

Norma 22, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 144, 196, 207, 210, 217, 224

O

Observación 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 99, 114, 157

ODS4 53, 54, 55, 56, 57, 63

Oportunidades académicas y la educación 121

P

Patrimonio industrial 85, 86, 87, 89, 90, 96

Poder femenino 166
Política social 1
Princípios ideológicos 1

R

Realidad Aumentada (RA) 85, 87, 89
Reformas educativas 33
Representaciones sociales 33

S

Salud reproductiva 219
Serafín 166, 168, 169, 170, 172
Serafina 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172
Subjetividad 2, 33, 115, 136

T

Teoria histórico-cultural 133, 134, 135, 136, 139, 141, 144, 147, 148
TIC 56, 65, 86, 87, 98, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205